

**MASC: UM MUSEU EM BUSCA DE IDENTIDADE****Sandra Regina Ramalho e OLIVEIRA\*****Maria Helena Rosa BARBOSA\***

**Resumo:** Este artigo apresenta aspectos relevantes acerca do Museu de Arte de Santa Catarina – MASC, visando proporcionar uma reflexão não só para os profissionais da área, como para os demais sujeitos envolvidos na existência e nos propósitos dessa Instituição, que são – ou deveriam ser – todos os cidadãos catarinenses, já que ele é um patrimônio público estadual. Criado em 1948, com a denominação de Museu de Arte Moderna de Florianópolis, em pouco mais de meio século trocou de nome, mudou de sede cinco vezes, tendo navegado desde então de acordo com os ventos ou a calmaria, decorrentes das políticas públicas cambiantes, às vezes não naufragando apenas graças aos esforços de idealistas por ele interessados, a exemplo do movimento que culminou com sua origem. Hoje, em 2010, enquanto suas instalações físicas são reformadas, sua administração trabalha para seu reordenamento organizacional, na qual poderia ser incluída a definição de uma identidade bem delineada.

**Palavras-chave:** Museu; Museu de Arte; MASC; História do MASC; Identidade de Museu.

**MASC: A MUSEUM IN SEARCH OF IDENTITY**

**Abstract:** The present article presents relevant aspects of the Art Museum of Santa Catarina – MASC, aiming to offer reflections not only for professionals of this area, but also for people involved in the existence and purposes of this Institution, who are or should be all citizens from the State of Santa Catarina, since it is a state-owned. The museum was founded in 1948 and called the Museum of Modern Art of Florianopolis,

---

\* Sandra Regina Ramalho e Oliveira é Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC/SP (1998) e fez pós-doutorado na França (2002). Atua na Universidade do Estado de Santa Catarina/UNESC desde 1987 e no seu Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais desde 2005; SC – Brasil. E-mail: ramalho@udesc.br.

\* Maria Helena Rosa Barbosa é Mestre em Artes Visuais pelo PPGAV/ UNESC – Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da Universidade do Estado de Santa Catarina (2009). Atua como arte-educadora no Museu de Arte de Santa Catarina – MASC desde 2003; SC – Brasil. E-mail: mariahelenabarbosa@yahoo.com.br.

and in little more than a half-century its name was changed and its location was moved five times, and since then, it has sailed according to the winds or the calm determined by the changes in public policy. At times it only did not sink due to the efforts of idealists interested in it, as in the movement that culminated in its origin. Nowadays (2010), while its physical structure is being renovated, the administration works toward a re-organization, where the definition of a well-delineated identity could be included.

**Keywords:** museum; Museum of Art; MASC; MASC history; identity of museum.

### **O Grupo Sul e a missão de Marques Rebelo: o embrião do MASC<sup>1</sup>**

Em 1947 foi fundado, em Florianópolis, o Círculo de Arte Moderna, que passou a ser conhecido como Grupo SUL. Tardia versão local da Semana de 22, o Grupo Sul congregava intelectuais locais, inconformados com o distanciamento dos grandes centros e com a alienação em relação às quebras de paradigmas estéticos e comportamentais do seu tempo, estas, em grande parte, decorrentes daquele. Vinte anos depois da Semana de 22, marco da arte brasileira, Santa Catarina começava a se alinhar, por obra do Grupo SUL, a um posicionamento artístico que ansiava por uma arte autóctone, embora inspirada nos movimentos artísticos modernistas europeus.

Em um tempo em que as cartas eram o grande meio de comunicação à distância, uma vez que as estradas eram precárias, a aviação incipiente, as ligações telefônicas feitas de uma central instável e quando poucos jornais e revistas chegavam ao Estado com regularidade, a navegação ainda era uma forma não só de transporte, mas de circulação de ideias. Uma revista local seria um importante microfone – já que na época não se diria uma importante mídia.

O Grupo Sul, nutrido pelo ímpeto de jovens poetas, artistas plásticos, cênicos e cineastas, cria a Revista SUL, que além de motivar a união do Grupo, servia para divulgar as ideias revolucionárias para seu tempo, que então eram pregadas. Preocupados com a saída do Estado da letargia intelectual, o Grupo Sul propunha uma nova estética, uma nova postura, diferenciada dos padrões conservadores vigentes. Esta revista foi editada durante dez anos, de janeiro de 1948 a dezembro de 1957, adquirindo notoriedade nacional, na área.

Jorge Lacerda, mais tarde Governador do Estado de Santa Catarina, apresenta, no Rio de Janeiro, o escritor carioca Marques Rebelo ao então Secretário de Estado da Justiça, Educação e Saúde de Santa Catarina, Armando Simone Pereira. Percebe-se na composição dessa secretaria que pastas tão específicas eram então aglutinadas, Justiça, Educação e Saúde, situação hoje inaceitável. E como se percebe também, não existia a pasta da Cultura, pois seus “negócios” estavam subjacentes aos da Educação.

Marques Rebelo era o pseudônimo de Eddy Dias da Cruz, que viveu de 1907 a 1973. Ele, na ocasião, já havia adquirido reconhecimento nacional com a publicação de diversos títulos, tendo conquistado prestígio inclusive do poder central, na ocasião, ainda situado na sua cidade natal, o Rio de Janeiro. Tal prestígio incluía tanto reconhecimento de autoridades do Ministério da Educação e Cultura e do Itamarati, quanto o de artistas e demais intelectuais da época. Ele sentia-se incumbido de uma missão, qual seja, a de lançar raízes para a criação de museus, como fez em Resende, no Rio de Janeiro, em Cataguases, Minas Gerais, e Florianópolis, Santa Catarina.

Para incluir Florianópolis no seu itinerário, Marques Rebelo troca cartas com Aníbal Nunes Pires, um dos intelectuais fundadores do Grupo SUL, vindo então à capital de Santa Catarina para organizar uma exposição e, como tudo relacionado à arte e à cultura era precário, como atualmente ainda é, foi hóspede de outro integrante do Grupo, Hamilton Valente Ferreira. Chegando a Florianópolis, Marques Rebelo trazia consigo obras de arte de sua coleção particular e outras a ele confiadas, que seriam vendidas ou doadas, o que permite deduzir que se tratava do que hoje se chamaria de obras consignadas, pois conforme Lourenço, “Além do interesse cultural, também negocia os modernos, sendo pioneiro nessa atividade por entre estados”<sup>2</sup>.

As “possíveis motivações” que movimentaram Rebelo “como promotor da arte moderna”, segundo Lourenço, estão contidas no catálogo da exposição: *20 Artistas Brasileños* que ele organizou e realizou na Argentina, em 1945. Para a autora, no texto, Rebelo “Lembra a ausência de entidades voltadas à produção, à reprodução, à preservação e, também, de galerias e de coleções particulares, segundo ele, “(...) que estimulassem pelo contato e divulgação das obras, o interesse pelas artes”.<sup>3</sup>

Assim, entre as obras trazidas a Florianópolis por Rebelo, para que fossem a semente de um futuro Museu, encontram-se doadas por ele: desenhos de Aldary Toledo, Tomaz Santa Rosa, Noêmia Mourão e Alfred Kubin, bem como uma aquarela de Jan Zach. Os artistas José Maria, José Nery e Aldemir Martins e Santa Rosa

também doaram trabalhos. Por outro lado, foram então adquiridas e doadas ao acervo do futuro Museu: um Oswaldo Goeldi, por Jorge Lacerda; um Noêmia Mourão, por Flávio de Aquino, catarinense radicado no Rio de Janeiro; três óleos, um de Iberê Camargo, outro de Djanira e um terceiro de Rubem Cassa e três gravuras de José Silveira d'Ávila, as seis obras adquiridas e doadas ao Museu pela Secretaria de Justiça, Educação e Saúde. Hoje, das 17 obras do acervo inicial do MAMF, 13 ainda fazem parte de seu patrimônio, sendo que quatro delas desapareceram, não se sabe como, e nenhuma providência foi tomada para recuperá-las.

De qualquer modo, a exposição de 1948, foi um marco nas artes visuais de Santa Catarina e não se sabe como teria sido sua trajetória, caso não houvesse o que hoje é o MASC. Conhecida como Exposição de Arte Contemporânea, embora modernista, recebeu este nome de seus contemporâneos, em meados do século.

Esta exposição deu-se no pátio do Grupo Escolar Modelo Dias Velho, mais tarde Escola Básica Antonieta de Barros, atualmente desativada, localizada à rua Saldanha Marinho, no centro da cidade de Florianópolis, vizinha do Museu Victor Meirelles e ficou aberta de 25 de setembro a 6 de outubro de 1948, suscitando as mais variadas reações do público. Archibaldo Cabral Neves assim se referiu a ela na edição de 1948 da Revista SUL: “Florianópolis nunca tinha visto uma verdadeira exposição de pintura contemporânea”. Dela constavam cerca de oitenta obras, não só pintura, mas desenho, gravura, aquarela e guache, de autoria de artistas nacionais e estrangeiros, além de obras extra-catálogo dos artistas locais Martinho de Haro e Eduardo Dias. Estas obras juntaram-se aos Pancetti, Portinari, Iberê Camargo, Milton Dacosta, Djanira, Di Cavalcanti e Segall, assim como a Léger e Vlaminck.

Coube ainda a Marques Rebelo proferir três conferências, durante a mostra, com o objetivo de discutir a nova estética, nem sempre bem recebida. Atribui-se a ele a frase “pintura não é imitação da natureza, mas interpretação da natureza”, a qual causou grande polêmica. Apesar de realizada em recinto fechado, o local da exposição passou a chamar-se Pátio Marques Rebelo, cuja existência, juntamente com os esforços do Grupo SUL e com a anuência das autoridades da época, notadamente do Secretário Simone, levaram o Governador em exercício, José Boabaid, a assinar o decreto que criava o Museu de Arte de Florianópolis, em 1949.

De acordo com a Revista SUL em sua edição de número 13, o Museu deveria chamar-se “de Arte Contemporânea”, mas “por imperícia ou falta de conhecimento de causa”, foi denominado, pelo decreto governamental, Museu de Arte Moderna. Verifica-se aí que as relações entre o mundo político e o das artes não são

necessariamente compatíveis e que, já no seu nascedouro, o Museu recebe um nome que não era condizente com os propósitos de seus idealizadores, o que quer dizer, não traduzia a concepção de arte que nele se queria apresentar. Não obstante, o Museu de Arte Moderna de Florianópolis foi o primeiro museu oficial de Arte Moderna criado no país.

O acervo foi crescendo, graças a doações de particulares, entre artistas e seus familiares, assim como de políticos, como o governador Ademar de Barros, de São Paulo e, ainda, graças a doações de entidades. E mais uma vez a falta de conhecimento da classe política em relação às especificidades da arte fazem com que outro equívoco fosse cometido: a Câmara Municipal de Florianópolis doou 13 reproduções de clássicos como Cézanne, Renoir, Gauguin, Van Gogh e Picasso, as quais, felizmente, devido a sua má conservação, sofreram baixas do acervo em 1985. Era praticamente uma ofensa a inclusão dessas réplicas, doadas, entretanto, com a melhor das intenções.

Com sede provisória no pátio do Grupo Escolar, tendo como responsável pela guarda do acervo sua diretora, a Professora Julieta Torres Gonçalves, coube a uma comissão de notáveis elaborar normas e propor providências para seu funcionamento definitivo. Fizeram parte desta comissão, além do próprio Marques Rebelo, Rubens de Arruda Ramos, Henrique Stodieck, Wilmar Dias, Hamilton Valente Ferreira e o pintor Martinho de Haro.

Marques Rebelo acompanha, à distância, a morosidade em relação à sede



Gravura 1 - Projeto para a sede do MAMF, publicado na Revista Sul nº 10, em 1949, que não foi construída.

definitiva do MAMF e vê com preocupação o fato de o acervo ser recolhido a um depósito pela responsável, a professora Julieta, por medida de segurança. Em 1950, o

funcionário da Secretaria da Educação e produtor cultural Sálvio de Oliveira é indicado a ser o primeiro diretor do MAMF.

### **Uma trajetória de casa em casa**

Finalmente, em 15 de abril de 1952, no governo Irineu Bornhausen, o Museu ganha seu primeiro diretor: Sálvio de Oliveira toma posse no cargo, nas instalações menos definitivas – porquanto ainda provisórias – mas mais adequadas do que o pátio de uma escola pública. Tratava-se da Casa de Santa Catarina, um casarão situado também no centro de Florianópolis, na esquina das ruas Tenente Silveira e Álvaro de Carvalho. Antiga sede do Clube Germânia, que congregava as famílias alemãs radicadas na cidade, o clube foi desapropriado durante a Segunda Grande Guerra, por motivos políticos.

Em 1952, a Casa abrigava o Instituto Histórico e Geográfico, a Comissão Catarinense de Folclore e a Academia Catarinense de Letras, entre outras entidades voltadas à cultura, a qual era dirigida pelo Professor Henrique da Silva Fontes. Foram dois anos de luta de Sálvio de Oliveira, que conquistou para sua causa nomes importantes, como os dos Secretários de Estado João José de Souza Cabral, João Bayer Filho e Fernando Ferreira de Mello, bem como o do político Jorge Lacerda e os dos jornalistas Nereu Correa e Layla Freyleben. Entretanto, o Museu consistia em apenas uma sala cedida por Henrique Fontes, a partir da redimensão dos espaços já ocupados por outras entidades.

Para a data da inauguração foi preparada uma exposição com 48 obras e um catálogo correspondente, ilustrado, tendo na capa a escultura, “A máscara e a face”, de Bruno Giorgi, a primeira obra tridimensional do acervo, doada pelo próprio escultor, em 1949, quando em visita a Florianópolis. Entretanto, o preconceito em relação à classe artística estava presente na sociedade da pequena e pacata Florianópolis de então, o que levou Hamilton Valente Ferreira, no número 8 da Revista SUL, a externar seus cumprimentos pela conquista da nova sede, à “mocidade catarinense”, “em especial a uma pequena turma de rapazes que a voz geral considerava amalucados, comunistas, reacionários, imorais”. Com o retorno de Marques Rebelo a sua terra natal, o Museu passa a ser considerado como “o museu do Grupo”. Sálvio de Oliveira então assume na presença prestigiosa do Governador Irineu Bornhausen e de outras

autoridades, em uma cerimônia descrita por Marques Rebelo, que se fez também presente, como um ato “simples, florido e decente” (Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, 25-04-1952).

Para comemorar o primeiro aniversário de suas novas instalações, Sálvio de Oliveira preparou uma exposição com 25 obras do acervo particular do então Deputado Jorge Lacerda, coleção que seria doada ao Museu. Todavia, anos mais tarde, verificou-se que dessas obras, apenas oito ainda faziam parte do acervo. Por volta de 1955, Sálvio de Oliveira muda-se para o Rio de Janeiro e o Museu quase fenece. Sendo então designada uma comissão para geri-lo, a qual constata que os recursos a ele destinados eram ínfimos e insuficientes para mantê-lo, o que talvez tenha sido o motivo da saída de Sálvio de Oliveira.

Até 1968, foram dezesseis anos de ocupação provisória do espaço da Casa de Santa Catarina, nos quais realizaram-se, além de exposições do acervo, outras de artistas locais e nacionais, além de acervos particulares de colecionadores catarinenses, como aquela realizada em julho de 1955, para a “reabertura” do Museu, conforme texto de Harry Laus no livro *Museu de Arte de Santa Catarina: biografia de um Museu*,<sup>4</sup> de onde se conclui que o Museu havia chegado mesmo a fechar, com a saída de Oliveira. A exposição de 1955 era composta por obras de famílias locais, sendo que na ocasião foi doada pela senhora Maria Konder Bornhausen, uma nova obra ao acervo, “Ouro Preto”, de Émeric Marcier.

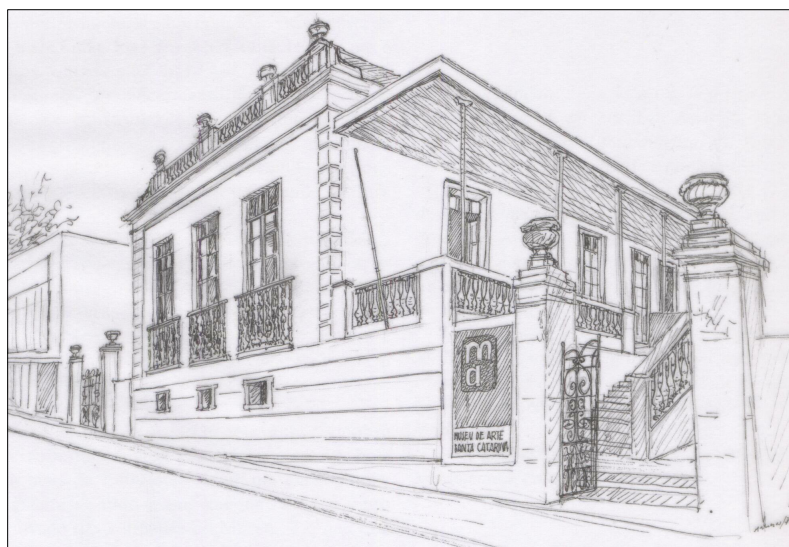
O pintor Martinho de Haro, frente à comissão que geria o Museu, conseguiu outras doações importantes, mas, em 1957, o prédio que o abriga, uma construção antiga, encontra-se deteriorada, a ponto de um casal de turistas deixar registrado no livro de visitantes que entraram pela janela, que encontraram quadros espalhados pelo chão, que as obras estavam ameaçadas por goteiras, entre outras observações nada edificantes. A situação repercute, chega à imprensa, o acervo é recolhido ao porão do Teatro Álvaro de Carvalho e o Governador Jorge Lacerda, o mesmo que havia lutado para a implantação do Museu, determina que fossem feitas reformas na Casa de Santa Catarina.

Em 1958 o Museu reabre, ampliando seu espaço na Casa de Santa Catarina, de uma para três salas de exposição. Assume a direção João Evangelista Andrade Filho, sendo que durante sua gestão, que foi até 1963, aconteceram 25 exposições temporárias, projeção de filmes, concurso de poemas, cursos, conferências e surge o embrião da Escolinha de Arte de Florianópolis, oficializada mais tarde.

Ainda instalado na Casa de Santa Catarina, em 1963, o Museu passa à direção de Carlos Humberto Corrêa, que promoveu em sua gestão, que perdurou até 1969, cerca de 60 exposições temporárias, palestras, cursos, recitais e oficializou a Escolinha de Arte de Florianópolis. Quanto às exposições, além do acervo e de temporárias de artistas locais, o museu apresentou ao público exposições internacionais, fruto de negociações com embaixadas estrangeiras; e no nível nacional, promoveu uma grande exposição de Di Cavalcanti e “Meio Século de Arte Nova”, com obras do acervo do Museu de Arte Contemporânea de São Paulo.

Depois desses dezesseis anos tempestuosos, ora profícuos, ora de marasmo, em 1968 o Museu de Arte de Florianópolis foi transferido para outra velha edificação, desta feita menor e menos antiga. É que a Casa de Santa Catarina voltava a oferecer problemas e, em uma época em que não havia a preservação do patrimônio arquitetônico, por falta de consciência e por falta de Leis, ela foi derrubada.

Na nova casa, na Avenida Rio Branco, número 160, novamente a inadequação para as finalidades do Museu foram verificadas, a ponto de a cozinha receber o acervo e a Escolinha de Arte funcionar no porão. De 1968 a 1974 o Museu, ainda usando o nome de batismo, qual seja, Museu de Arte de Florianópolis, permaneceu nesse local, sob a direção do advogado, artista plástico e professor Aldo Nunes, o qual, por sua vez, ficou na direção até 1981, ou seja, durante 12 anos. Sua gestão pode ser dividida em duas partes: a primeira, até 1974, período no qual deu continuidade às atividades dos seus antecessores, organizando exposições individuais e coletivas, de artistas locais e nacionais, bem como cursos, em parceria com a Universidade Federal, até pela falta de espaço físico condizente. Neste período, a Escolinha de Arte dá



Gravura 2 - Sede do Museu na Avenida Rio Branco (1968-1974) – Desenho de Aldo Nunes



continuidade às suas atividades.

A mudança de nome e, conseqüentemente, de jurisdição e de abrangência, surpreendendo grande parte das pessoas do segmento envolvido, deu-se por força de uma reforma administrativa procedida pelo Governador Ivo Silveira: no Decreto nº 9.150, de 4 de junho de 1970, o Museu de Arte Moderna de Florianópolis, MAMF passa a denominar-se Museu de Arte de Santa Catarina, MASC, e ganha abrangência estadual.

De 1975 a 1979 o MASC apenas sobrevive, com seu diretor, Aldo Nunes, resistindo bravamente. Em 1977 o MASC é transferido para outro local, uma antiga residência, na Rua Tenente Silveira, número 120, uma edificação ainda menos apropriada para suas finalidades. Para se ter uma ideia do quanto se viram subtraídas as possibilidades de ação, a Escolinha de Arte era a maior referência daquele endereço.

Em 1977 é criada a Fundação Catarinense de Cultura, abrangendo diversas entidades culturais do Estado, inclusive a Escolinha de Arte, que é desvinculada do MASC. Ainda neste ano, o acervo e a administração do Museu são transferidos para mais um local, o antigo prédio da Alfândega que, desativado, foi restaurado pelo Governador Antonio Carlos Konder Reis, com a finalidade de acolher o MASC e o Museu Histórico. Agora que as instalações expositivas são bem mais amplas, Aldo Nunes retoma a agenda de exposições, individuais e coletivas, de artistas locais e nacionais.

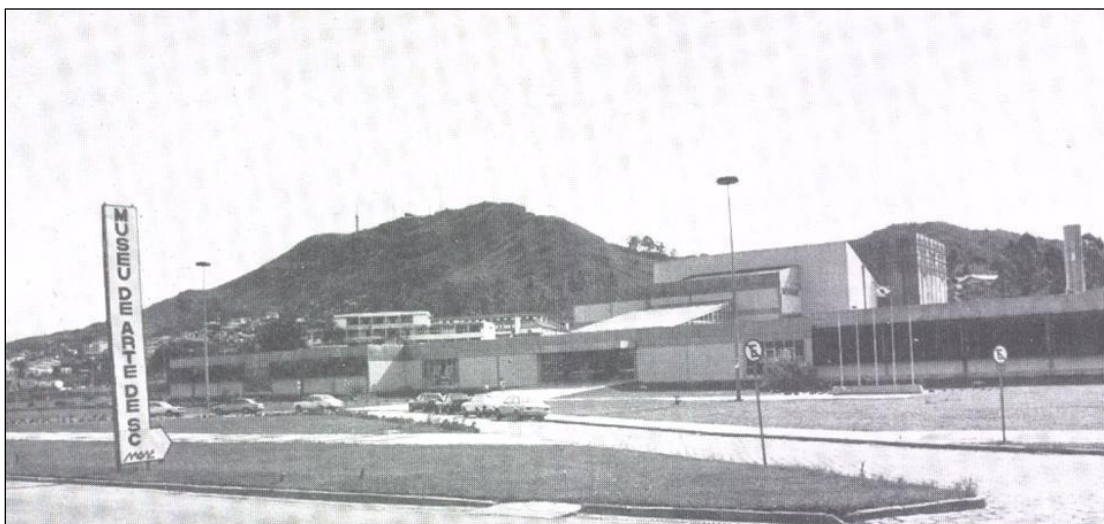
Até então não havia um setor especializado em restauro; assim, Aldo Nunes dispõe-se a se deslocar para Minas Gerais para fazer um curso, ocasião na qual é substituído, na direção do MASC, pelo artista José Silveira D'Ávila, que ocupa o cargo até 1983, sendo sucedido por Humberto José Tomasini, seu diretor-adjunto, a quem coube levar o MASC para, enfim, uma sede definitiva, no Centro Integrado de Cultura, o CIC.

### **O MASC a partir da sua instalação no CIC**

Em 1982 foi inaugurado o Centro Integrado de Cultura, obra do governo Jorge Bornhausen: um edifício amplo, situado em um local antes pertencente à Penitenciária Estadual, destinado às atividades de horticultura para detentos de bom

comportamento, espaço rural, portanto, antigamente afastado do centro da cidade. Com a expansão urbana e com a construção da via expressa, ligando o centro às Universidades, aquela passou a ser uma área privilegiada.

A edificação abriga, desde então, diversas entidades e setores da Fundação Catarinense de Cultura, como a Administração do CIC, o Teatro Ademar Rosa, o Cinema – Cineclube Nossa Senhora do Desterro, o Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Móveis – ATECOR, as Oficinas de Arte, o Espaço Cultural Lindolf Bell, o Conselho Estadual de Cultura – CEC, o Museu de Arte de Santa Catarina – MASC, o Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina – MIS e a Academia Catarinense de Letras – ACL.



Gravura 3 - MASC – Museu de Arte de Santa Catarina – Arquivo MASC/ Acervo MIS-SC

Nota-se que naquela época havia uma placa identificando a existência do Museu no CIC. No entanto, com o crescimento demográfico da cidade e expansão turística que exigiram mudanças nas vias de acesso, ou seja, a construção de um elevador para o fluxo de automóveis que se dirigiam às praias do Norte da Ilha e Lagoa da Conceição, essa identificação perdeu-se. Como posteriormente foi instalado um *outdoor* de concreto em frente ao CIC, a fim de se colocar a programação do teatro, os transeuntes identificam o espaço cultural com ele. Além disso, cabe registrar que essa falta de identificação do Museu no CIC faz com que muitos cidadãos desconheçam a existência dele.

Quando da inauguração de sua sede definitiva, o acervo contava com 800 obras e para o MASC foram destinados 1.980 m<sup>2</sup>, sendo que havia um salão único para exposições, medindo 1.440 m<sup>2</sup>. Finalmente, o MASC, seu acervo, sua

administração e seus visitantes, bem como a razão de ser de um Museu, recebem um tratamento adequado, com uma sede que contempla as necessidades de sua finalidade.

Em 15 de junho de 1985, assumiu a direção o crítico de arte Harry Laus, que ocupou o cargo entre 1985 e 1987 e, depois, em novo mandato, entre 1989 e 1991, sendo substituído no período entre mandatos por Hugo Mund Júnior. Segundo suas próprias palavras, ele esperava “compreensão e apoio para transformar o Museu de Arte de Santa Catarina no mais significativo Museu de Arte do Sul do Brasil”.<sup>5</sup>

É lamentável constatar que embora Harry Laus tenha exercido uma profícua atuação como gestor do MASC, na qual “viabilizou todos os setores que fazem parte dos aspectos museológicos”, ele não viu concretizado seu sonho, ou seja, de torná-lo o mais significativo do sul do país. Em meio às dificuldades encontradas para organizar uma instituição museal que já se encaminhava para completar quarenta anos de existência, Laus se empenhou em realizar, entre outras mudanças, algumas que beneficiassem o museu como: “a adequação das salas de exposições, a reorganização do acervo, o levantamento da memória do museu, a implantação do núcleo de arte-educação” e “o projeto indicador catarinense das artes plásticas”.<sup>6</sup>

Importa destacar, ainda, que a devida atenção de Laus ao acervo e à memória do MASC contribuiu para o levantamento de dados históricos sobre a criação da instituição que se encontravam dispersos, assim como o “tombamento de várias obras” e “correção de dados técnicos” sobre elas. Além disso, tanto a pesquisa sobre a memória do MASC que coube a Terezinha Sueli Franz, “com pesquisa complementar e redação de Laus” que resultou na publicação “MASC 38 anos – 1949/1987”<sup>7</sup> como a reorganização do acervo, na qual abriu-se um novo livro tomo<sup>8</sup>, foi possível comparar dados e constatar o descaso com a instituição na qual algumas obras simplesmente haviam desaparecido do acervo, ou seja, como já destacado, não encontravam-se mais na coleção do museu.

Com o apoio de uma equipe comprometida a qual Laus chamava de a “família do museu”, ele deixou um legado exemplar que influenciou àqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele como Maria Tereza Collares que assumiu a direção do MASC de 1992 a 1998. Tereza Collares não só deu continuidade ao modelo de gestão de Laus como, entre outras realizações inaugurou, em 1993, a Sala Especial Harry Laus, totalmente climatizada para o recebimento de exposições especiais e produziu o Salão Victor Meirelles que posteriormente teve abrangência nacional. Além disso, em sua gestão, no ano de 1995, o MASC foi contemplado em um projeto aprovado pela

Fundação Vitae no qual “o acervo foi ampliado e equipado com trainéis móveis para o acondicionamento de obras em tela, mapotecas para obras em papel, prateleiras para obras em volume e aparelhos de controle de umidade e temperatura relativas ao ar”<sup>9</sup>. Outra iniciativa de Collares foi viabilizar a criação da Associação Amigos do MASC – AAMASC, no ano de 1993, que a partir de então tem oportunizado ao museu obter recursos via leis de incentivo para a realização de projetos, uma vez que ele não possui recursos próprios nem dotação orçamentária para tal fim.

Após a gestão de Tereza Collares, o artista Rubens Oestrom teve uma breve passagem pelo MASC, no final do ano de 1998, como Administrador, sendo substituído em 1999 por João Evangelista de Andrade Filho que permaneceu até o ano de 2008. É interessante registrar que se trata da mesma pessoa que dirigiu o Museu entre 1958 e 1962.

Durante o período que compreende sua segunda gestão no MASC, João Evangelista concentrou esforços em dinamizar o Museu por meio da realização de “exposições de artistas de outros centros culturais do País” e do recebimento de exposições itinerantes, patrocinadas por grandes empresas via projetos de leis de incentivo à cultura, que percorreram alguns museus brasileiros. Ele deu ênfase, também, à “produção catarinense voltada para a expressão contemporânea da arte” com o “1º Mapeamento das Artes Plásticas de SC” durante o ano de 2001 e intensificou a “descentralização das ações do museu” na parceria com o SESC/SC que resultou em quatro exposições itinerantes pelo Estado nos anos de 2002 e 2003: *A Arte da Gravura em Santa Catarina*, *Pretexto Poético*, *O Símbolo na Arte de Eli Heil* e *Geração Atual 2 - Panorama contemporâneo das artes visuais em Santa Catarina*. Destaca-se que as três exposições coletivas foram com trabalhos originais de artistas convidados a participar do projeto e a da artista Eli Heil itinerou com reproduções de suas obras originais. Além disso, na exposição *Pretexto Poético*, profissionais dos núcleos de exposição e montagem e do arte-educação do Museu, acompanharam a mostra realizando o curso de *Montagem e monitoria de exposições*<sup>10</sup>.

No primeiro ano da administração de João Evangelista, em 1999, o Museu foi contemplado pela Fundação Vitae com a aprovação do projeto *Restauração de Obras do Acervo do MASC* que havia sido elaborado na gestão de Collares. A execução deu-se até o ano de 2003 e resultou na restauração de algumas obras do acervo constituídas dos mais diversos materiais. Além disso, é pertinente registrar que durante o período em que ele esteve à frente do MASC, foram organizadas algumas publicações como a edição revista e ampliada do *Indicador Catarinense das Artes*

*Plásticas, a Biografia de um Museu* (ambas idealizadas por Harry Laus e organizadas por Nancy Bortolin) e duas edições da série *Cadernos do MASC: Arte Contemporânea em Santa Catarina* (2001) e *Arte no Museu* ([2008]). Sobre os cadernos Evangelista assim afirma:

O primeiro volume de “Cadernos do MASC foi dedicado a comentar, especificamente, a arte contemporânea realizada no estado de Santa Catarina. Este segundo volume de “Cadernos do MASC, a propósito, se reporta a parte significativa das exposições individuais: retrospectivas, comemorativas, e as que tiveram por objetivo evidenciar a produção de novos talentos, todas elas levadas a efeito no Museu entre 1999 e 2007. Já se encontram prontos mais dois tomos que aguardam, há tempo, a oportunidade de serem editados. O primeiro deles reúne textos de vários especialistas sobre outra série de exposições produzidas no Museu, e o tomo seguinte se compõe de resenhas das mostras temáticas que, com tratamento mais antropológico do que artístico, a instituição montou nesse período de oito anos: arte popular, colecionismo, poética da morte, cartografia e iconografia brasileiras, etc.<sup>11</sup>

Embora, perceba-se que a iniciativa de João Evangelista em reunir textos e imagens das exposições do MASC a fim de que o Museu contribuísse, ainda mais para a produção de conhecimento em arte por meio de publicações, ele não conseguiu apoio para viabilizar a impressão de todos os cadernos durante a sua gestão.

Quanto ao planejamento de exposições, vale lembrar que tanto as do acervo do Museu como aquelas com obras provenientes de coleções de outras instituições, tem diversos fatores a serem considerados a fim de garantir a segurança e a integridade das peças. Entre outros, um fator determinante é se as condições ambientais do local onde acontecerá a exposição são adequadas com aquelas nas quais o acervo se encontrava.

Assim, uma das problemáticas que o MASC enfrentava ao longo dos anos era não ter todo o salão expositivo climatizado e dispor de equipamento obsoleto na Reserva Técnica. Diante disso, registra-se que a climatização total do espaço expositivo do MASC e de sua Reserva Técnica deu-se, somente no ano de 2005/2006, na gestão de João Evangelista por meio de projeto da AAMASC aprovado na Lei Rouanet e que contou com recursos captados junto à empresa Tractebel Energia. A climatização possibilitou o recebimento de algumas exposições itinerantes como: *Entre a obra está aberta*, da artista Amélia Toledo (2006), *Camille Claudel – A sombra de Rodin* (2007), *Primeira Missa no Brasil – Renascimento de uma pintura*, do artista

Victor Meirelles (2008) e *Um Século de Arte Brasileira – Coleção Gilberto Chateaubriand* (2008).

Destaca-se, também, que a exposição *Centenário Martinho de Haro* realizada pelo MASC, foi eleita pela ABCA – Associação Brasileira de Críticos de Arte, em 2008 como a melhor exposição brasileira, do ano de 2007. A premiação se deu pela relevância da mostra, entre os meses de outubro e dezembro de 2007, no MASC, com mais de 120 telas do pintor modernista catarinense, oriundas de coleções públicas e privadas, bem como realização de seminário com palestras dos críticos Olívio Tavares de Araújo, Tadeu Chiarelli, Walter Queiroz de Guerreiro, Nadja Lamas, José Roberto Teixeira Leite e Fábio Magalhães, além do artista Rodrigo de Haro, filho do pintor. Fez parte do projeto dessa exposição a publicação de um livro organizado por Ylmar Corrêa Neto, Tarcísio Matos e João Evangelista de Andrade Filho, contendo textos críticos e 430 reproduções das obras do artista; um catálogo somente com a produção de paisagens de Florianópolis e texto de Ylmar Correa Neto e Péricles Prade; e Caderno Educativo elaborado pela equipe do Núcleo de Arte-Educação do MASC.

No segundo semestre de 2008, o artista e profissional responsável pelo acervo do MASC, Ronaldo Linhares assumiu temporariamente a administração da instituição, sendo substituído pela professora, artista e crítica de arte Lygia Helena Roussenq Neves.

Lygia Neves, a segunda mulher a assumir a administração do MASC, desde dezembro de 2008 tem concentrado esforços em resolver problemas referentes à reforma no espaço físico da instituição que se iniciou em maio de 2009 e priorizado projetos que contribuam para melhorias no que diz respeito à organização interna, bem como apostado no prosseguimento de algumas parcerias, a fim de que o museu continue em contato com seus diferentes públicos, mesmo que esporadicamente, enquanto encontra-se fechado. Entre os projetos que estão em andamento em sua gestão, evidencia-se o de “Diagnóstico do Acervo do MASC<sup>12</sup>” que contará, também, com um desdobramento para a reestruturação do regimento interno e a elaboração do plano museológico, bem como o projeto “MASC Virtual” que consiste na criação de um novo *site* para o Museu com algumas propostas interativas e animadas e que contará, também, com a digitalização das obras que entraram para o acervo depois da publicação *Biografia de um Museu*.

Quanto às parcerias, destaca-se a continuidade da firmada com a UDESC desde o ano de 2006, na qual a universidade tem proposto a realização de projetos de inclusão e acessibilidade no museu, coordenados pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina da

Rosa Fonseca da Silva. O projeto *Formação estética do público cego: museu e inclusão social*, desenvolvido no ano de 2009,<sup>13</sup> resultou em duas exposições pensadas para públicos deficientes visuais, com proposições artísticas táteis de artistas, especialmente, convidados para as mostras. As exposições foram as seguintes: *Outros Olhares – Exposição para ver e tocar* com as artistas catarinenses Jussara Maria da Silva (Jussaras) e Rosana Bortolin, no Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina (MIS/SC), no mês de agosto; e a exposição *Mundos Tangíveis* com os artistas Alfonso Ballesterio (SP) e Michel Groisman (RJ) e curadoria da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosangela Miranda Cherem (PPGAV/UDESC), na Galeria Municipal de Arte Pedro Paulo Vecchietti, no mês novembro e início de dezembro.<sup>14</sup>

Registra-se, ainda, que em maio 2010, na gestão de Lygia Neves, o MASC ampliou seu acervo de produção artística contemporânea por meio do recebimento dos trabalhos dos artistas catarinenses que foram contemplados no “Edital do Prêmio de Artes Plásticas Marcantonio Vilaça – FUNARTE” (2009): Raquel Stolf, Júlia Amaral, Aline Dias e Roberto Moreira Junior. Os trabalhos foram, especialmente, produzidos para serem doados para o Museu, pois o edital “[...] busca incentivar produções artísticas inéditas, destinadas aos acervos de instituições museológicas públicas ou privadas sem fins lucrativos”.<sup>15</sup>

Estão previstas, ainda, como parte do planejamento da administração do MASC 2010/2011, após a conclusão das obras de reforma, as seguintes exposições: *Marcantonio Vilaça – FUNARTE; 3ª Edição do prêmio CNI Sesi Marcantonio Vilaça para as Artes Plásticas; Palavras e Obras – Exposição Bené Fonteles e Silvana Leal; e After School – Uma Experiência Pictórica Brasileira – Grupo G11*. É importante, também, ressaltar que essa gestão tem apoiado iniciativas visando à qualificação da equipe.

### **A ação educativa no MASC<sup>16</sup>**

Embora o MASC, em gestões anteriores tenha se preocupado em realizar ações que contribuíssem para exercer sua função educativa como a realização de mostras didáticas, palestras, cursos, entre outras atividades, a fim de dinamizar a área cultural da cidade, somente em 1987 é que o Museu implantou um setor educativo

para estabelecer, também, uma relação de maior proximidade com a comunidade escolar.

A criação do “Setor de Serviços Educativos do MASC – SEMASC”, hoje, Núcleo de Arte-Educação – NAE tem sua origem, em 28 de julho de 1987, por meio de um projeto elaborado pela professora Teresinha Sueli Franz e que contou com a aprovação de Harry Laus, diretor do Museu, e Lygia Roussenq Neves, naquela ocasião então Superintendente da FCC.

Assim, o setor educativo ficou responsável pelo atendimento a grupos escolares e não escolares em visita às exposições, bem como a organização de eventos para o público em geral, como encontros com os artistas, palestras, cursos e debates. Salienta-se que a atuação da maioria dos educadores que passaram pelo setor educativo do MASC se deu por regime de convênio entre a Secretaria de Estado da Educação – SED e a FCC, pois somente a partir de 2006 é que se formou o quadro efetivo desses profissionais no Museu.

Os profissionais que passaram pelo setor educativo<sup>17</sup> realizaram diversos projetos, alguns com parcerias de artistas, professores, escolas, universidades e empresas. Entre outros<sup>18</sup>, destacam-se alguns nos quais se priorizou dar visibilidade ao Museu e seu acervo, bem como aproximar os cidadãos catarinenses desse patrimônio artístico-cultural.

O projeto *44 anos de História e Arte*, realizado em parceria com o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, no ano de 1993, resultou na produção de quatro *outdoors* por meio de releituras<sup>19</sup> de obras do acervo do MASC que foram instalados no perímetro urbano de Florianópolis.

Em *A aula de Arte e o Museu*, projeto de extensão em parceria, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Maria Cristina Alves dos Santos Pessi, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC/ Centro de Artes – CEART, foi desenvolvido um trabalho de preparação e continuidade à visita de escolas ao Museu. Realizado nos anos de 1997 e 1998, o projeto contou, também, com um livreto elaborado para o uso dos alunos e reproduzido em fotocopiadora preto e branco, contendo informações sobre o museu e sobre arte, bem como imagens de algumas obras do acervo.

No ano de 2000/2001, o NAE desenvolveu o projeto de pesquisa-ação *O Museu e a Escola* que contou com patrocínio da Fundação Vitae, parceria com empresas de transporte coletivo da cidade e coordenação de Roseane Martins Coelho. Além de possibilitar o acompanhamento dos estudantes de três escolas da Ilha – Florianópolis em visita ao MASC e a produção de um vídeo com o propósito de



ser usado na formação de professores, o projeto oportunizou a criação de uma ludoteca, com jogos de memória e quebra-cabeças, bem como um banco de reproduções de imagens (plotagens), com obras do acervo do Museu a fim de empréstimo aos educadores. Destaca-se que o vídeo integra, desde o ano de 2006, a DVDteca do Instituto Arte na Escola e que o Material Educativo, especialmente, produzido para ele foi desenvolvido pela Prof.<sup>a</sup> Dora Maria Dutra Bay (CEART/UDESC).

Ainda, com o restante dos recursos provenientes da Fundação Vitae, o NAE produziu, em 2003, o CD-ROM didático *Florianópolis através da arte*. O material, elaborado com a finalidade de ser doado às escolas, contém 32 imagens de obras do acervo que “homenageiam e eternizam aspectos da cidade”, assim como sugestões de atividades e pesquisas a partir delas.

O NAE desenvolveu e realizou, em 2005, o projeto *Vamos conhecer o MASC*. Foi produzida, especialmente para ele uma publicação ilustrada com o personagem “Masquinho”<sup>20</sup> que apresenta o MASC, seus Núcleos e respectivas funções, com o propósito de ser doada aos educadores, estudantes e bibliotecas das escolas participantes do projeto. Assim, visando uma relação de maior proximidade e apropriação do espaço do Museu pelos educadores, a equipe do NAE priorizou o encontro com professores de diferentes disciplinas, no qual o programa constituía-se por: Oficina do Objeto; Educação para o Patrimônio; História dos Museus de Arte; História do MASC; Visitas mediadas no espaço do museu; Visita ao acervo do MASC; Curadoria Educativa; e Ações Educativas do NAE/MASC. Esse projeto teve continuidade nos anos de 2006, 2007 e 2008, sendo que não foi realizado em 2009/2010 em razão de o Museu encontrar-se fechado para reformas.

Outra experiência de aproximação de educadores com o Museu, entre os anos de 2005 e 2008, deu-se por iniciativa de uma professora da UDESC<sup>21</sup> que propôs uma parceria a fim de que a disciplina Ensino das Artes Plásticas – Estágio III do CEART/UDESC fosse ministrada no MASC. Com essa proposta, a equipe do NAE teve a oportunidade de trocar experiências com os estudantes da disciplina sobre as questões que envolvem o ensino da arte em educação não formal, no museu. Com o objetivo de “Vivenciar experiências de observação e atuação em espaços culturais não formais, subsidiadas por planejamento, estudos teóricos e experiências anteriores de mediação”, a disciplina oportunizou uma relação de maior proximidade dos futuros professores de arte com o Museu. Além de terem um contato direto com os educadores do Museu por meio da troca de experiências durante as aulas e do estágio

de observação, no qual acompanhavam as mediações dos educadores nas exposições com públicos de diferentes faixas etárias, eles realizaram o estágio de atuação, que, por sua vez oportunizou a experiência vivida de mediação em exposições de arte no espaço museal.

A partir de uma iniciativa dos arte-educadores<sup>22</sup> do MASC, no ano de 2006, em realizar mediação com alunos da Associação Catarinense para Integração do Cego – ACIC, na exposição *Entre a obra está aberta*, da artista Amélia Toledo, o NAE foi convidado a ser parceiro no projeto de extensão *Museu de Arte: possibilidades de inclusão*, coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, do Laboratório de Educação Inclusiva – LEDI, Centro de Educação a Distância – CEAD, da Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Realizado de 2006 a 2008 e tendo como um dos objetivos “a aproximação de pessoas cegas à produção artística exposta no museu”, o projeto viabilizou a produção de material das exposições em braille, como etiquetas e textos, assim como a confecção de maquetes táteis a partir de obras do acervo do MASC. Para o desenvolvimento do trabalho de mediação com os grupos da ACIC, além das obras do acervo dispostas nos jardins internos do MASC e CIC, as equipes do NAE e do Núcleo de Acervo e Conservação<sup>23</sup> selecionaram obras tridimensionais da Reserva Técnica do Museu, elaboradas em diferentes materiais a fim de oportunizar experiências táteis.

A parceria UDESC, MASC e ACIC que teve continuidade com o projeto *Formação estética do público cego: museu e inclusão social*, realizado no ano de 2009 e na qual foram realizadas exposições, especialmente, pensadas para pessoas com deficiência visual, potencializou a mediação com esse público em exposições de arte.

Como se percebe as parcerias estabelecidas por meio do NAE/MASC, com instituições e/ou profissionais, assim como com os do próprio Museu, ou seja, com a equipe do acervo foram fundamentais para a realização dos projetos supracitados. O diálogo constante entre a equipe do NAE e do acervo possibilitou, também, em outros momentos, a realização de ações e atividades pontuais como a de atender a solicitação com antecedência de educadores, por conta de algum projeto escolar, para que seus alunos pudessem ir ao museu para ver uma obra específica do acervo que não se encontrava no ciclo de exposições.

Enquanto o Museu está sofrendo reformas a equipe do NAE tem se ocupado de atividades como projetos em parceria com o CEAD/UDESC e com outras instituições por conta da “Semana de Museus” e “Primavera dos Museus”, promovida pelo Instituto Brasileiro de Museus – IBRAM. Essas parcerias têm se dado por meio

das organizações como encontros, realização de oficinas com os seguintes museus: Museu da Imagem e do Som de Santa Catarina – MIS/SC, Museu Histórico de Santa Catarina – MHS e, recentemente, com o Museu do Judiciário Catarinense. Os arte-educadores do MASC têm participado, também, de eventos no estado e em outras capitais do país como ouvintes ou apresentando trabalhos. Entre outros se destacam: V SEILAC – Seminário de educação, imaginação e linguagens artístico-culturais, Criciúma (2009); IV Ciclo de Investigações do PPGAV/UDESC – Deslocamentos Reflexivos (2009); V Encontro do Grupo de Pesquisa Educação, Arte e Inclusão – CEAD/UDESC (2009); Curso “Conexões” – Pinacoteca do Estado de São Paulo (2009); XIII Colóquio da Lusofonia – V Encontro Açoriano, Florianópolis (2010); Seminário de Leitura de Imagens para a Educação: Múltiplas Mídias (2010); 2º Fórum Estadual de Museus, Joinville (2010); 4º Fórum Nacional de Museus, Brasília (2010); Colóquio Internacional de Arte Contemporânea e Museus, Porto Alegre (2010); e VI Colóquio Sobre Ensino de Arte: inter-relações possíveis (2010). Além disso, os profissionais do NAE têm sido convidados por professores de instituições de ensino superior, para falar em disciplinas específicas, nas áreas de licenciatura, sobre a ação educativa e cultural do MASC. Têm participado, ainda, efetivamente dos encontros da Rede de Educadores em Museus de Santa Catarina – REM/SC, criada em abril de 2010, com o propósito de estudos e reflexões em relação à teoria e a práxis sobre educação em museus. Cabe destacar que a equipe foi, especialmente, convidada no ano de 2009 para escrever dois textos sobre as experiências de mediação com pessoas deficientes visuais e que foram publicados no presente ano.<sup>24</sup>

### **MASC: no presente e futuro**

Para se falar do MASC<sup>25</sup> em tempo presente e em relação às perspectivas quanto ao futuro é necessário voltar ao seu passado, não tão longínquo, mais precisamente ao ano de 2002 em que ele comemorou meio século de existência com a publicação *Biografia de um Museu* e na qual há textos de algumas pessoas, especialmente convidadas para registrarem suas memórias e reflexões sobre o Museu.

No texto “MAMF/MASC: reencontro meio século depois”, integrante do livro *Biografia de um Museu*, seu autor Alcídio Mafra de Souza, no último parágrafo registra sua opinião sobre a importância do Museu para a sociedade catarinense:

Agora, quase cinquenta anos passados, também poderia dizer, como Apolonio de Carvalho; vale a pena sonhar! O Museu de Arte de Santa Catarina é uma grande realidade, uma instituição respeitada, o orgulho de todos nós, catarinenses, pela seriedade e competência no trato da questão artística. Possuidora de excelente acervo mantém exposição permanente e abriga exposições temporárias realizadas, sempre, com muito esmero, no curso das quais são montados eventos paralelos de Educação Artística para escolares dos primeiro e segundo graus, o encontro com o artista e “workshop” com o expositor. Além de possuir uma biblioteca, o Museu, também, leva a termo pesquisas em arte e é dotado de bem montada Reserva Técnica e, o que é muito importante, situa-se em meio a complexo cultural – o Centro Integrado de Cultura – onde, diariamente, se vive intensa programação de atividades artísticas. Valeu, sim, sonhar!<sup>26</sup>

Esse parágrafo final do texto de Souza serve como paradigma para se refletir sobre como deveria ser um museu, enfatizando as conquistas do MASC quando da comemoração dos seus 50 anos de fundação. Diversas são as reflexões que podem ser feitas a partir da declaração de Souza. Entre elas, primeiramente, destaca-se que o CIC, local no qual o Museu e outros espaços culturais são abrigados, no presente ano, encontra-se fechado para reformas sem data prevista para reabertura, e isso privou a sociedade catarinense do acesso “a intensa programação de atividades artísticas”. Entretanto, era necessário esse fechamento, para resolver sérios problemas, como goteiras, inadmissíveis para um Museu.

Sobre as goteiras no MASC, importa salientar, ainda, que elas foram sempre um problema para a equipe do Museu. No entanto, isso só veio à tona, ou seja, a conhecimento público em razão do recebimento de duas grandes mostras itinerantes conforme consta na matéria de Karine Ruy, publicada na coluna Variedades, do Jornal Diário Catarinense, do dia 17/04/2008:

Atualmente, o Masc recebe A Primeira Missa, de Victor Meirelles. A falha no sistema de impermeabilização foi revelada pela chuva de quarta-feira, dia para qual estava marcado o início da montagem da exposição da coleção de Gilberto Chateaubriand. A equipe contratada para o trabalho chegou a se dirigir até o local, mas assim que percebeu a existência das goteiras desistiu da tarefa.<sup>27</sup>

O teor da notícia circulou e resultou em textos e comentários publicados em algumas páginas da web, assim como gerou um desconforto para gestores do MASC e FCC, Secretaria de Cultura e Governo do Estado. Foram tomadas, ainda que paliativas, providências emergenciais, a fim de que mesmo com atraso a mostra da coleção de Gilberto Chateaubriand pudesse ser realizada no MASC. A atual reforma deve dar uma solução definitiva para o problema.

Retomando o último parágrafo de Souza<sup>28</sup>, no qual ele destaca a exposição “permanente” do acervo do MASC ou como se diz de forma mais apropriada, nos últimos tempos, exposição de “longa duração”, há um bom tempo a sociedade catarinense não tem tido a oportunidade de prestigiar, pois o acervo quando é exposto, o é por um período de curtíssima duração, impedindo assim que a coleção do Museu tenha uma visibilidade maior pelos cidadãos da grande Florianópolis e de outras regiões do Estado. Cabe lembrar, ainda, que para as exposições do acervo raramente vinham sendo produzidos catálogos com textos críticos ou uma pesquisa mais aprofundada sobre a coleção do Museu.

Em relação às exposições temporárias, realmente, elas vêm sendo realizadas “com muito esmero”, pois o comprometimento dos funcionários do Museu é que, na maioria das vezes, contribuiu para a realização e o sucesso delas em meio a prazos exíguos e condições inadequadas.

Sobre os “eventos paralelos” decorrentes das exposições e enfatizados por Souza<sup>29</sup>, certamente, dão outra dinâmica para o Museu por meio do trabalho desenvolvido pela equipe como a do Núcleo de Arte-Educação que por meio de suas ações e projetos, realizados não só com públicos escolares, mas também com não escolares, tem buscado oportunizar uma aproximação maior dos cidadãos catarinenses com o Museu e, por sua vez, com o patrimônio artístico-cultural.

Quanto ao destaque de Souza<sup>30</sup> sobre o MASC “possuir uma biblioteca”, não é possível assegurar se nos próximos anos a afirmação será a mesma, pois na reforma do espaço físico da instituição, não foi previsto um espaço específico para acomodá-la dentro do Museu. Isso se deu em razão de gestores da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), instituição à qual o MASC é vinculado e à qual ele responde hierarquicamente no guarda chuva da Direção de Difusão Artística decidir criar uma Biblioteca Central no CIC, a fim de agregar as bibliotecas setoriais dos museus e/ou setores da FCC abrigados no CIC.

No que se refere à afirmação de Souza<sup>31</sup> sobre o MASC ser “dotado de bem montada Reserva Técnica”, pode-se afirmar que em meio aos transtornos da reforma, ela foi ampliada e reorganizada. Na primeira etapa da reforma, todo o acervo do Museu e todos os equipamentos foram retirados daquele local a fim de serem instalados em outro espaço do CIC, para acomodar a coleção por um período temporário. A Reserva Técnica conta, hoje, com uma área de 223m<sup>2</sup> constituída por duas salas para acondicionar o acervo de 1776 obras: uma para os trainéis com as pinturas e mapotecas com as obras em papel e outra para volumes. A sala do “Núcleo de Acervo e Conservação” foi, também, ampliada e sofreu uma adequação, a fim de que o espaço seja utilizado como um laboratório de prevenção e pequenos restauros, pois para intervenções maiores o MASC conta com a assessoria e apoio do Ateliê de Conservação e Restauração de Bens Móveis – ATECOR, mantido pela FCC.

### **Perfil é identidade**

Ao longo da sua história, ou seja, no decorrer de 60 anos, o MASC esteve instalado em seis locais distintos: um pátio de escola; uma sala, e depois de uma reforma, três salas - de um velho casarão, antiga sede de um clube social; edificação de duas residências, ambas não adequadas às finalidades de um Museu; o prédio da ex-Alfândega e, finalmente, no Centro Integrado de Cultura, o CIC. As características arquitetônicas e mesmo imateriais das sedes, o perfil de seus diretores, as políticas públicas – ou sua inexistência –, bem como as demais questões conjunturais da cidade e do Estado, com destaque para a falta de recursos e a concepção de arte como um ornamento social, dificultaram a consolidação do Museu como uma referência cultural pública e interferem mesmo na construção da sua identidade.

Soma-se a isto ainda o fato de que os “negócios” da cultura – nos quais se inserem não só o MASC, mas os demais museus públicos de Santa Catarina – vêm sendo inseridos, ao longo dos anos, em secretarias de Estado com atribuições distintas: nunca Santa Catarina teve uma secretaria exclusiva para a cultura; e mesmo as outras atribuições de cada pasta onde a cultura vem sendo inserida tem sido diversas. Isto faz parecer que é necessário inserir cultura em algum lugar, mas não se sabe onde; que tem importância, mas não suficiente para se constituir em um ente próprio; que então é necessário juntá-la com alguma outra área, por afinidade, mas

não se sabendo o papel da cultura na sociedade, acaba-se entendendo que ela tem afinidade com atividades muito diferentes entre si. A prejudicial troca de “abrigo institucional” vem desde a criação do então MAMF, quando as questões culturais estavam afetas à Secretaria de Justiça, Educação e Saúde. Posteriormente a cultura foi acolhida pela Secretaria de Educação e Cultura, com a qual tinha mais afinidade, passando por uma Secretaria de Comunicação e Cultura, bem como por uma Secretaria de Estado da Organização do Lazer que já aglutinava a Cultura, o Turismo e o Esporte, e estando hoje instalada na Secretaria de Estado de Turismo, Cultura e Esporte. As denominações das duas últimas secretarias são uma notável demonstração de que a concepção atual de cultura é a de entretenimento, dada a afinidade percebida com esportes e lazer. Isto, como pode ser deduzido, além de gerar a instabilidade funcional dos profissionais da área, fragilizam a própria cultura e, por consequência, também contribuem para dificultar o delineamento da identidade do MASC.

Em relação à identidade do MASC, cabe lembrar que ao atingir a sua maioria, ou seja, 21 anos de existência, ele passou de MAMF (Museu de Arte Moderna de Florianópolis) a ser denominado MASC (Museu de Arte de Santa Catarina). Conforme Oliveira, essa mudança caracteriza “Um capricho de uma reforma administrativa efetuada pelo governo de Ivo Silveira, mas que se configurou mais adequado às responsabilidades que o Museu já possuía em relação à memória das artes plásticas e às demandas políticas de todo o estado”.<sup>32</sup> O pesquisador também destaca que na mutação de Museu de Arte Moderna, para Museu de Arte, nos anos de 1970, “[...] há o abandono de um *estar* moderno, inaugurado com Rebello, e que passa, nos anos 80, a aderir a uma produção com recortes e discursos próprios à arte contemporânea [...]”<sup>33</sup>. Esse discurso, por sua vez, se consolida com a realização do Salão Victor Meireles, na década de 1990, que teve primeiramente edição no âmbito estadual e posteriormente nacional.

No entanto, em relação à identidade do MASC e a constituição de seu acervo, Oliveira chama a atenção para o fato de que ao selecionar as obras para serem reproduzidas em impressão colorida na publicação comemorativa aos cinquenta anos da instituição, em 2002, “Mais uma vez o museu busca seu momento de gênese para construir sua identidade” inserindo apenas aquelas obras que são embrião da coleção do museu – as do acervo inicial. Além disso, ele destaca que “[...] nenhum artista catarinense está representado nessa seleção” e que “A ausência de um artista local não espelha o acervo de mais de 1.450 peças”.<sup>34</sup>

Essa observação de Oliveira é provocadora, pois mesmo ciente dos custos que implicam em publicações com imagens coloridas, ela possibilita alguns questionamentos como: Quem participou da seleção? Que critérios foram adotados para a seleção? Por que não se optou em inserir trabalhos de artistas catarinenses? Porque não se escolheu trabalhos de arte contemporânea? O que o MASC queria ou não revelar por meio da seleção?

Essas perguntas não são fáceis de responder, porém João Evangelista deixa registrada na apresentação do catálogo comemorativo – *Biografia de um Museu* possíveis pistas por meio das seguintes palavras:

Optar por catálogo seletivo, que destinasse ao público apenas a “prata da casa”, importaria em desconsiderar a história, a favor da estética e da propaganda. A publicação que ora chega aos usuários, na forma de catálogo geral, abrange a possibilidade de abrir-se para estudos sócios-artísticos. Estes se direcionam mais à investigação sobre as possibilidades do ambiente cultural do que à pesquisa do gosto ou da “fortuna crítica” de uma produção. O material está aí. Oxalá as pesquisas se realizem.<sup>35</sup>

Diante disso, pode-se questionar se em um acervo de 1450 obras, na época, não havia outras “pratas da casa” que ficaram invisíveis na reprodução minúscula em preto e branco, no catálogo. Além disso, cabe outra indagação: porque o MASC não investiu, também, em mais pesquisas e produção de catálogos de exposições do acervo a partir da publicação comemorativa – *Biografia de um Museu*?

A dicotomia entre moderno e contemporâneo é evidente no MASC, pois ao ter uma produção de arte contemporânea em seu acervo e destacar somente a coleção inicial de arte moderna na *Biografia de um Museu*, revela mais um fator para a falta de definição de uma identidade da instituição, pois anseia o contemporâneo, mas continua sendo moderno.

Nesse sentido, percebe-se que o entendimento da função da arte na sociedade e de um Museu de Arte pelos governantes constitui-se como fator de impedimento de suas próprias funções, pois se não há conhecimento, não há vontade política. Essa questão é visível na maioria dos museus públicos que sobrevivem do esforço de pessoas dedicadas com vínculos empregatícios e afetivos, bem como do apoio das associações de amigos para viabilizar a realização de projetos, em razão da maioria deles não possuir dotação orçamentária para suas ações e atividades diárias.



Diante dessa situação, importa registrar que em pesquisa realizada por Barbosa<sup>36</sup>, especificamente, com Museus de Arte brasileiros, localizados em diferentes capitais do país, constatou-se em relação às políticas dos museus representados na amostra, que apenas um apresentou “[...] suas metas e, por sua vez, políticas claras em relação aos seus diversos segmentos, assim como em relação ao acervo”. Além disso, no que diz respeito à gestão de museus, verificou-se que eles “[...] não dispõem de autonomia quando da tomada de decisões, pois necessitam consultar instâncias superiores de outras instituições às quais estão vinculados”. Por meio desses e outros dados da pesquisa, ela destaca que “Como eles são museus públicos e alguns não dispõem nem mesmo de um documento que determine suas diretrizes, possivelmente ficam atrelados aos interesses dessas instituições ou até mesmo a questões político-partidárias”.<sup>37</sup>

Nessa perspectiva, pode-se inferir que o MASC como Museu público não foge à regra, pois como já destacado, na presente gestão é que foi priorizado o projeto de diagnóstico do acervo, com um desdobramento para a reestruturação do regimento interno e a elaboração do plano museológico. Importa lembrar que essa prioridade se dá, também, em razão das exigências contidas no Estatuto de Museus, instituído por lei em 2009 (Lei n° 11.904/2009) que estabelece um prazo de cinco anos, a partir dela, a fim de que os museus estejam dentro das regularidades previstas no documento, como a de implementar o plano museológico. A implementação do plano prevê a definição de políticas claras para todos os segmentos do Museu, de modo que nele esteja contido, entre outros itens, a definição de sua missão e o detalhamento dos seguintes programas: Institucional; de Gestão de Pessoas; de Acervos; de Exposições; Educativo e Cultural; de Pesquisa; Arquitetônico-urbanístico; de Segurança; de Financiamento e Fomento; de Comunicação.<sup>38</sup>

Com a realização do diagnóstico do acervo, a reestruturação do regimento interno do MASC e a implementação do seu plano museológico, pode-se dizer que o Museu terá uma definição de seu perfil que, por sua vez, poderá levar a consolidação de sua identidade.

Enfim, antes de parecer – e ser – uma instituição elitista e reservada aos iniciados, como se fosse uma loja com produtos inacessíveis, a qual não precisa de vitrinas porque só uma clientela selecionada acessa, um Museu Público de Arte deveria parecer uma caixa de presentes transparente, sempre acessível e mutável. Essa metáfora diz respeito não só a realização de ações que promovam o acesso ao espaço físico e à coleção do museu, mas, igualmente, às suas políticas.

Recebido em 3/10/2010

Aprovado em 10/10/2010

## NOTAS E REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

<sup>1</sup> Parte da história do MASC, apresentada no presente artigo está pautada na seguinte publicação: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. *Museu de Arte de Santa Catarina: biografia de um museu*. Nancy Therezinha Bortolin (org.). Itajaí: UNIVALI; Florianópolis: FCC, 2002.

<sup>2</sup> LOURENÇO, Maria Cecília França. Marques Rebelo: um cultuador das musas. In: \_\_\_\_\_. *Museus acolhem o moderno*. São Paulo: EDUSP, 1999. p.157.

<sup>3</sup> Ibid., p.158.

<sup>4</sup> UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI. FUNDAÇÃO CATARINENSE DE CULTURA. *Museu de Arte de Santa Catarina: biografia de um museu*. Nancy Therezinha Bortolin (org.). Itajaí: UNIVALI; Florianópolis: FCC, 2002. p.32.

<sup>5</sup> Ibid., p. 37.

<sup>6</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>7</sup> LAUS, Harry; FRANZ, Sueli Teresinha; *Museu de Arte de Santa Catarina 38 anos: 1949-1987*. Florianópolis: IOESC, 1987.

<sup>8</sup> O termo de abertura do novo Livro Tombo do MASC foi lavrado em 25 de setembro de 1985 por Harry Laus, Diretor do Museu. In: MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA. *Livro Tombo*, 1985.

<sup>9</sup> UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI, op. cit. p.39.

<sup>10</sup> Em consonância com as discussões contemporâneas sobre educação em museus, o NAE usa o termo mediação para designar o trabalho desenvolvido pelos educadores entre os diferentes públicos e as obras de arte nas exposições, por esse consistir em proposta mais dialógica.

<sup>11</sup> ANDRADE FILHO, João Evangelista. *Arte no Museu: caderno do MASC II*. Florianópolis: Museu de Arte de Santa Catarina, [2008]. p.9.

<sup>12</sup> A coordenadora do projeto é a Museóloga e Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosana Andrade Dias do Nascimento.

<sup>13</sup> O projeto *Formação estética do público cego: museu e inclusão social*, realizado no ano de 2009, contou com suporte financeiro do PROEXT – MEC/Cultura – MinC.

<sup>14</sup> BARBOSA, Maria Helena Rosa, CARLSSON, Márcia Lisbôa, PROSDÓCIMO, Sérgio Da Silva. Atos, diálogos e percepções: experiências de acessibilidade no Museu de Arte de Santa Catarina. In: TOJAL, Amanda Fonseca, et. al. *Caderno de Acessibilidade: reflexões e experiências em museus e exposições*. São Paulo: Expomus, 2010.

<sup>15</sup> BRASIL. *Diário Oficial da União* – Seção 3. Nº 250, quinta-feira, 31 de dezembro de 2009.

<sup>16</sup> Os dados referentes à ação educativa no MASC estão pautados nos Relatórios do Núcleo de Arte-Educação do Museu (1987-2010).

<sup>17</sup> Entre outros educadores que passaram pelo setor educativo do MASC destaca-se: Teresinha Franz e Carlos Asp, entre os anos de 1988 e 1991; Sonia Bonetti Couto, de 1992 a 1996; Roseane Martins Coelho e Sonia Moro, de 1999 a 2001; Christiane Maria Castellen, que coordenou o setor de 1996 a abril de 2009; e Márcia Lisbôa Carlsson, de 2003 a fevereiro de 2010. Continuam integrando a equipe do NAE, desde 2003: Maria Helena Rosa Barbosa, Eliane Prudêncio Costa e Sérgio Da Silva Prosdócimo.

<sup>18</sup> MUSEU DE ARTE DE SANTA CATARINA. Núcleo de Arte-Educação. *Relatórios: 1992-2009*. Florianópolis, 2009. (Documentos não publicados).

<sup>19</sup> Após algumas incompreensões em relação ao termo releitura, ou seja, de ficar associado à cópia, nos últimos anos evita-se usá-lo de modo referente ao fazer artístico a partir do estudo de obras de arte.

<sup>20</sup> As ilustrações são de Eliane Prudêncio da Costa e o texto é de Márcia Lisbôa Carlsson, ambas arte-educadoras do MASC.

<sup>21</sup> Essa oportunidade de troca de experiências no Museu tanto para os alunos da Licenciatura em Artes Plásticas, hoje, Licenciatura em Artes Visuais, como para os arte-educadores da instituição se deu por iniciativa da Prof.<sup>a</sup> Sandra Ramalho.

<sup>22</sup> A expressão arte-educação tem sido criticada pelo fato de consistir em tradução literal da equivalente em inglês *art education*. Entretanto, mantêm-se essa expressão no âmbito do MASC em coerência com o nome do Núcleo de Arte-Educação.

<sup>23</sup> Os responsáveis pelo “Núcleo de Acervo e Conservação” são Ronaldo Linhares e José Carlos Boaventura dos Santos.

<sup>24</sup> Os textos produzidos pela equipe do NAE são: BARBOSA, M.R.; CARLSSON, M. L.; PROSDÓCIMO, S. Da S. Atos, diálogos e percepções: experiências de acessibilidade no Museu de Arte de Santa Catarina. In: TOJAL, Amanda Fonseca, et. al. *Caderno de Acessibilidade: reflexões e experiências em museus e exposições*. São Paulo: Expomus, 2010; e BARBOSA, M. H. R.; CARLSSON, M. L.; COSTA, E. P.; PROSDÓCIMO, S. S. Encontros perceptivos: a mediação em exposições de arte com pessoas com deficiência visual. In: SILVA, Maria Cristina Rosa Fonseca da; CHEREM, Rosangela Miranda. (Orgs.). *Mundos Tangíveis: exposição tátil – Afonso Ballestero e Michel Groisman*. Florianópolis: UDESC, 2010.

<sup>25</sup> A equipe do MASC é constituída, hoje, pelos seguintes profissionais nos respectivos núcleos: Núcleo Administrativo – Lygia Helena Roussenq Neves (Administradora) e Heloisa Helena Caminha Bradacz (Secretária); Núcleo de Pesquisa, Documentação e Biblioteca – Valério Carioni e Ana Lucia Fernandes da Rosa; Núcleo de Arte-Educação – Eliane Prudêncio da Costa, Maria Helena Rosa Barbosa e Sérgio Da Silva Prosdócimo; Núcleo de Acervo e Conservação – José Carlos Boaventura dos Santos e Ronaldo Linhares; Núcleo de Exposição e Montagem – Anézio Antônio Ramos, Nilton César Pereira e Sérgio Adolfo Guint.

<sup>26</sup> SOUZA, Alcídio Mafra. MAMF/MASC: reencontro meio século depois. In: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI, op. cit. p.17.

<sup>27</sup> RUY, Karine. Goteiras no Masc comprometem exposição: local abrigaria coleção de Chateaubriand, mas está sem condições técnicas. *Diário Catarinense*, 17/04/2008. Coluna Variedades. Disponível em:

<<http://www.clicrbs.com.br/diariocatarinense/jsp/default.jsp?uf=2&local=18&section=Geral&newSID=a1831930.xml>>. Acesso em: 13 de set. 2010.

<sup>28</sup> SOUZA, op. cit. p.17.

<sup>29</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>30</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>31</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>32</sup> OLIVEIRA, Dionísio G. de Oliveira. Um acervo de arte moderna e contemporânea e a identidade institucional. In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS. *Revista Eletrônica História e Reflexão – História, Produção Intelectual e Cultura Material*, vol. 2, n.4, jul/dez 2008. p.8. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/issue/current>> / <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/319/271>>. Acesso em: 03 jun. 2010.

<sup>33</sup> Ibid., p.10.

<sup>34</sup> Ibid., loc. cit.

<sup>35</sup> ANDRADE FILHO, João Evangelista. Apresentação. In: UNIVERSIDADE DO VALE DO ITAJAI, op. cit. p.14.

<sup>36</sup> BARBOSA, Maria Helena Rosa. *Museus de Arte: desafios contemporâneos para a adoção de políticas educacionais*. 2009. 256p. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Programa de

---

Pós-Graduação em Artes Visuais, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. p.216.

<sup>37</sup> Ibid., p.216-17.

<sup>38</sup> BRASIL. *Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009*. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. Disponível em: <[http://planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm](http://planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm)>. Acesso em: 01 abr. 2009.